

UM «SOLDO» DE D. JOÃO III?

POR J. FRONTEIRA

Por intermédio de um negociante da especialidade, de Lisboa, que nos informou tê-la recebido da casa B. A. Seaby, Ltd. (Numismatics), de Londres, adquirimos a moeda cuja gravura publicamos a seguir.

De facto, no «Seaby's Coin and Medal Bulletin», de Abril de 1955, a pág. 169, encontra-se esta descrição da referida moeda:

W 403 GOA, John III. Lead (25), bastardo, 1550, A. D. St. George cross, large pellet at each angle. R. Large cross of Christ and date, Grogan (type). VF 30/-.

Permitimo-nos apresentar outra descrição que julgamos mais conforme com o exemplar.

A — Cruz formada por quatro triângulos equiláteros quase unidos pelos vértices (lembrando a cruz de Malta); por cima ISSO (1550); à esquerda ∩; à direita 1.º (João).

R — Cruz de S. Jorge com duplos semicírculos abertos para a periferia, nos extremos de cada braço da cruz. Quatro pequenas bolas, muito em relevo, em cada ângulo.

Calaim. Módulo ca. 25 mm. Peso 5,85 grs.

Sabido que a primeira moeda portuguesa datada, da Metrópole, foi o «engenhoso», de D. Sebastião, que ostenta o ano de 1562, seria este modesto numisma da série luso-indiana a mais antiga moeda portuguesa «com certidão de idade», se na «Numismática Indo-Portuguesa», de Manoel Joaquim de Campos, não viesse indicado o Bazaruco de Goa, de D. João III, com Y, datado de 1532; e não fizesse, ainda, referência a outro exemplar da colecção de Henry Grogan, em Londres, com a data de 154 (?)—falta-lhe o algarismo da unidade. Quanto ao bazaruco de 1532 é moeda considerada «única conhecida» e «a mais antiga

da *Numismática Portuguesa em que aparece a data*» no interessante estudo sobre «bazarucada», do ilustre numismata Eng.º Raúl da Costa Couvreur, intitulado «*Numismática Indo-Portuguesa / Bazarucos (compilação)*» e foi vendida em Amsterdam, em Setembro de 1906, por Schulman. (V. Catálogo de venda das colecções de Manoel Joaquim de Campos e José Lamas, n.º 8). Neste mesmo catálogo aparece, com o n.º 10, uma reprodução galvanoplástica do outro exemplar datado de 154 (?) que, em vão, procuramos no Catálogo de venda da colecção Grogan, de 1914.

Não consideramos a moeda em causa um «*Bastardo*», como a classifica a casa Seaby, pois que os pesos destas moedas, conquanto diminuindo progressivamente de D. Manoel I para D. João III, eram neste reinado ainda bastante superiores ao do nosso exemplar que antes consideramos um «*Soldo*» do «*Piedoso*»

Com efeito, respigando de vários catálogos os pesos indicados para «*Bastardos*» e «*Soldos*» daqueles dois monarcas, encontramos os seguintes pesos extremos para esses primeiros numismas luso-indianos:

BASTARDOS (de Malaca)

D. Manoel I — 1. ^a emissão	De 36,9 a 46,66 grs.
2. ^a emissão (1/4 bastardo?)	De 10,76 a 12,96 »
D. João III —	De 8,54 a 9,51 »

SOLDOS (de Malaca)

D. Manoel I — 1. ^a emissão	De 3,37 a 6,37 grs.
2. ^a emissão	De 3,75 a 3,76 »
D. João III —	De 2,85 a 5,35 »

O peso do nosso exemplar (5,85 gramas), embora superior em 0,5 gr. ao máximo encontrado para «*Soldos*» de D. João III, fica muito àquem dos 8,54 grs., peso mínimo registado para o seu «*Bastardo*» pelo que julgamos defensável a classificação que acima lhe atribuímos.

Verdade que, segundo nos diz Gaspar Corrêa nas «*Lendas da Índia*» e é repetido pelo Dr. Gerson da Cunha nas suas «*Contributions to the study of Indo-Portuguese numismatics*», 10 «*Soldos*» valiam 1 «*Bastardo*». Porém essa equivalência, pelo menos em peso, só se encontra no reinado de D. Manoel I

e apenas entre alguns dos exemplares de «Soldos» e «Bastardos» das séries que Grogan designa como primeiras emissões. No reinado de D. João III os «soldos» pesam desde um pouco mais, até bastante menos do que metade dos «bastardos». De resto, na «bazarucada», estas e outras incongruências são vulgares, até dentro do mesmo reinado!

Quanto à casa monetária, não duvidamos que tivesse sido batido em Goa: à esquerda da cruz encontra-se um Θ («G» virado), tal como no S. Tomé de D. João III (n.º 9 de T. Aragão) que mostra, também, à direita do escudo um Iº (João III).

Em vista da data este «Soldo», de que não conhecemos outro exemplar igual, deve ter sido batido durante o vice-reinado de D. Afonso de Noronha (1550 a 1554).

Não se trata, pois, de mais um numisma inédito — pois que veio oferecido para venda no Boletim da Casa Seaby — mas de um «bazaruco» que, pela sua raridade — será, acaso, único? — julgamos merecer as breves palavras que deixamos escritas.

UM «SOLDO» DE D. JOÃO III?



Anverso



Reverso

